Acervo ISA

LUX JORNAL
São Paulo

Sarampo: morte no Xingu.

Doze índios do Parque Nacional do Xingu estão internados em hospitais de Brasília e uma criança morreu. São as vítimas do surto de sarampo e coqueluche que atingiu duas tribos daquele parque: os Suiás, que vivem no posto Diauarum, e os Txucarramae, do posto Kretire. Noventa outros índios estão doentes nessas tribos, segundo se informa. A Funai enviou ontem ao Parque 1.400 doses de vacinas contra aquelas doenças. Em Brasília, segundo o órgão, os hospitais de Base e Distrital L-2 encontram-se de sobreaviso para receber qualquer índio do Parque. Ontem, havia três índios internados no Hospital de Base e dois no Hospital Distrital L-2, além de um menino Txucarramae (foto) filho do índio Megaron, que é sobrinho do cacique Raoni. Segundo Megaron, a situação no Parque é de extrema gravidade, porque o surto pode se alastrar com facilidade para as tribos dos Kaiabis e dos Beiços-de-pau. Todos os índios do Parque serão vacinados, porque têm muito contato.

Odisséia: a vacinação dos Yanomamis.

Missão de dois médicos e uma indigenista: salvar os Yanomamis do sarampo. Reportagem de Nélson Letaif.

Foram mais de 100 dias de isolamento, de convívio sem tréguas com os perigos e rigores da região amazônica. A pequena expedição — formada por dois médicos sanitaristas, Rubens Branco e Francisco Pascalichio, e a indigenista e fotógrafa Cláudia Andujar — não se deteve nem com as chuvas pesadas e duradouras que caem, todo dia nessa época do ano, com a precisão de um relógio, nem com a dificuldade de vencer as distâncias enormes que separam as aldeias de 10 mil índios Yanomami espalhadas numa área de mais de 6 milhões de hectares.

Andando pela floresta intrincada, seguindo por rios encachoeirados em barcos indígenas ou voando em pequenos aviões, eles tinham de fazer chegar ao seu destino a carga que conduziam. Era uma promessa de vida para o povo Yanomami: centenas de ampolas com vacinas contra o sarampo, doença que já se está espalhando entre a população indígena de Roraima e norte do Amazonas.

A carga era preciosa e ao mesmo tempo delicada, porque as vacinas tinham que ser mantidas a uma temperatura máxima de 6°C. O que requereu cuidados especiais por parte da pesquisadora Cláudia Andujar e dos drs. Pascalichio e Brando, da Escola Paulista de Medicina e Escola de Medicina de Botucatu, respectivamente: precisavam carregar permanentemente uma caixa de isopor cheia de gelo, onde as ampolas viajavam sem o risco de deterioração.

A missão desses três voluntários paulistas não se restringiu à aplicação de vacinas. Foi feito também um detalhado levantamento de saúde dos Yanomamis. Ou melhor, de uma parte apenas, a que foi possível atingir diante das limitações de tempo e dinheiro e das dificuldades naturais da região amazônica. O trabalho foi feito entre dezembro de 80 e março deste ano, tendo consumido uma verba de US$ 15 mil doada pelos ministério de Relações Exteriores da Dinamarca e Noruega, a pedido da IWGIA — International Workgroup of Indigenous Affairs. A Funai autorizou o projeto e ajudou na infraestrutura para sua realização, conforme explica Cláudia Andujar:

— Nós fomos hospedados e recebemos colaboração nos postos da Funai, bem como nas diversas missões religiosas da área. E as vacinas foram cedidas pela Secretaria da Saúde de Roraima.

Nômades

Os Yanomamis são considerados o último grande grupo. Vivem basicamente da caça, daí a explicação para seu nomadismo e a necessidade de ocupação de uma área tão vasta. São aproximadamente 300 aldeamentos espalhados em território brasileiro, com uma população aproximada de 10 mil índios.

Aí já se vê um grande problema para quem pretenda fazer um levantamento de saúde como esse. Não é só a dificuldade de cobrir toda essa extensão, mas também a de definir prioridades. Uma questão fundamental, por exemplo, é por qual grupo começar o trabalho. No caso, optou-se pela área indígena de Uraricaá. Cláudia Andujar expõe o motivo:

— A preocupação se justifica pela proximidade da maloca com o garimpo de Santa Rosa, onde há milhares de homens procurando ouro ao longo do rio Uraricaá. E os índios podem contrair doenças desses garimpeiros.

Outro problema é a atração que esse garimpo exerce sobre o índio, muito fácil de ser entendida. Eles sabem que podem conseguir algum dinheiro com essa atividade. No passado, muitos aprenderam a procurar diamantes em outro garimpo proximo, hoje desativado, no rio Surubaí. Agora querem tentar a sorte em Santa Rosa, uma área de acesso difícil para o branco, que já chega ali com malária e gripe. E, embora a transmissão dessas doenças para a população indígena não seja novidade, temia-se pela chegada do sarampo, pois tudo indicava que nunca havia sido feita vacinação naquela área.

Para chegar a Boas Novas, a equipe partiu de Boa Vista em um avião fretado e a viagem levou pouco mais de uma hora. Na bagagem havia 75 kg de gelo, o suficiente para conservar as vacinas durante uma semana. Era preciso correr: além do povoado, seria preciso atingir outras duas aldeias, as malocas do Carvão e do Natam.

A chegada do grupo a Boas Novas aconteceu em meio a um ritual de lamentação, quando os índios choravam a morte de um companheiro vitimado pela malária. Mas não era como outras cerimônias que Cláudia havia presenciado no passado, em outra região Yanomami:

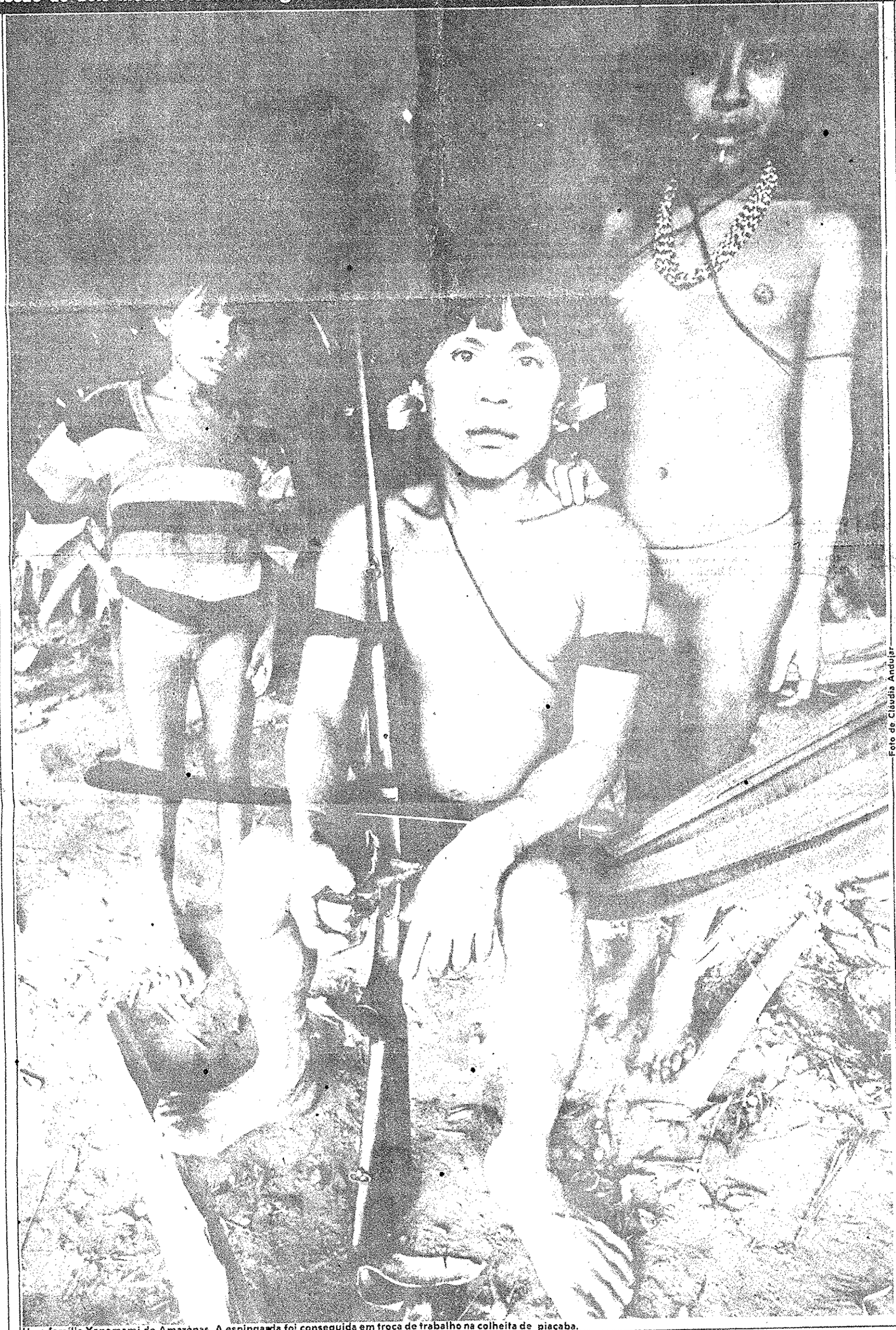

Foto de Cláudia Andujar

Uma família Yanomami do Amazonas. A espingarda foi conseguida em troca de trabalho na colheita de piaçaba.

— Os índios choravam ao som de forró tocado em uma vitrola que deve ter vindo dos garimpeiros. E tomavam o cachiri, uma bebida obtida da fermentação da mandioca que não faz parte da tradição yanomami, mas que eles devem ter aprendido a fazer graças ao convício com o grupo Caribe, Mayangong ou Macuxi.

A própria expedição se serviu desse tipo de "novidade" quando teve, por exemplo, que atingir aldeias de difícil acesso. A viagem para a maloca do carvão levou quatro horas e foi feita em uma voadeira, nada mais que uma canoa indígena dotada de motor de popa. Para o Natam foram mais quatro horas e meia por barco e uma hora e meia de caminhada. O esforço para vencer a correnteza do Uraricaá era apenas uma amostra. O pior era quando se atingia uma das suas muitas cachoeiras: todos tinham então que mergulhar os pés na água e erguer o barco para fazer a travessia.

Natal na selva

O dr. Francisco Pascalichio teve pouca sorte em uma dessas aventuras. Aliás, todo o grupo, porque o barco virou e eles tiveram de nadar. Mas o médico perdeu os óculos no acidente e teve que enfrentar outro obstáculo além da mata fechada: a miopia. Isso lhe causou tantos aborrecimentos que, passando pelo lugar na volta, ele ofereceu uma recompensa em dinheiro para quem achasse seus óculos, o que não foi muito difícil para os índios.

De volta a Boa Vista, iriam iniciar uma fase menos árdua da maratona. O destino era Ajarani, um núcleo situado à margem da Perimetral Norte e acessível por carro. Por isso mesmo, encontrariam ali índios que sofreram um contato brusco com o branco durante a abertura da estrada, em meados da década passada. Chegando em um jeep Toyota da Funai, constataram que dois terços dos 70 índios que antes viviam no Ajarani estavam fixados fora da área indígena.

O fácil acesso à região, em todo caso, foi um fator positivo para aquele grupo yanomami: já estava vacinado. A equipe decidiu partir para a aldeia Pé de Pato, distante do posto quatro horas de caminhada pela mata. Foram na companhia do encarregado do posto da Funai, "seu" Nivaldo, e chegando lá encontraram uma moça de 14 anos vítima de uma tuberculose avançada. Cláudia Andujar conta como procederam:

— Tentamos levá-la para o posto do Ajarani, de onde partiria depois para Boa Vista. Mas ela fugiu e o "seu" Nivaldo teve que voltar à aldeia no dia seguinte para tentar convencê-la. Só que já era tarde: ficamos sabendo depois que ela tinha morrido.

Essa moça, na verdade, não era de Pé de Pato, mas sim uma parente dos índios que lá vivem. Fazia parte de um grupo de visitantes vindo da região do Mucajaí — onde existe o maior foco de tuberculose entre os yanomamis de Roraima — para uma festa: Esses deslocamentos são comuns e muito importantes para a integração sócio-cultural dos vários grupos. Demonstram ainda, conforme ensinam os indigenistas, que os yanomamis conhecem e percorrem todo seu território, como indicam os caminhos existentes entre as várias aldeias.

Seguindo para a missão do Catrimani, subordinada à diocese de Boa Vista, uma nova aventura os esperava. Os missionários do Catrimani foram buscar os integrantes da expedição com uma pick-up. Mas, em um ponto da Perimetral Norte conhecido como Ajarani II, a estrada está interrompida e foi preciso parar. Como a ponte sobre o rio desabou, a travessia ali é feita em um barco da Funai. No outro lado, um caminhão suíço da época da II Guerra Mundial, o único de que dispõem os missionários, os aguardava e com ele chegaram ao Catrimani.

Lá eles passaram o Natal de 1980.

Volta a Boa Vista para apanhar mais vacinas e nova partida, dessa vez para Marari, a aldeia Yanomami mais afastada a que se tem acesso pela capital de Roraima. A viagem levou duas horas em um avião da empresa "Asas do Socorro", que mantém um convênio de prestação de serviço com as missões evangélicas. Há uma dessas missões no Marari, com 270 índios; mas o trabalho na área de saúde ainda é incipiente.

Nesse lugar, a expedição foi encontrar Áurea, uma jovem índia atacada por uma forte hepatite e que já apresentava "barriga d'água". Não foi possível salvá-la e a equipe partiu de lá preocupada, como explica Cláudia Andujar:

— Em 79 já houve um surto de hepatite ali, levado por um grupo de índios que se empregou na extração da piaçaba ao longo do rio Aracá. Eles viajavam a pé uma distância muito longa para chegar até lá e trabalhavam seis meses para receber uma espingarda como pagamento.

Um novo desafio: penetrar na região montanhosa do Surucucus. Aí vive a maior concentração de índios Yanomami, cerca de 4 mil deles. E, embora exista no local um posto da Funai, eles preferem viver afastados.

Auaris foi a próxima etapa de viagem, onde ocorre um fato inédito: a convivência pacífica dos Yanomami com outro grupo indígena Caribe, os Mayangong, exímios canoeiros. Os Yanomami, graças a esse contato, também aprenderam a construir canoas, que usam uma vez por ano para subir até Boa Vista pelo rio Auaris. A viagem leva um mês.

Ali não foi preciso vacinar os índios, pois eles já haviam sido imunizados pelos missionários evangélicos que atuam na área. Mas no levantamento de saúde que fizeram constataram tratar-se de um dos lugares com maior incidência de oncocercose, uma doença que provoca a cegueira.

Transtornos

De passagem por Maturacá, no Amazonas, a equipe encontrou casos graves de tuberculose. Os médicos pensaram em transferir os doentes para o hospital militar do Batalhão de Engenharia e Construção, o BEC, em São Gabriel da Cachoeira, mas não foi possível: casos desse tipo não são atendidos nesse hospital por se temer o risco de contaminação.

O passo seguinte era Marauiá. Nesse momento, Cláudia ficou sozinha, pois os médicos tiveram que voltar para São Paulo. Mas ela achou indispensável ir até lá, já que um dos responsáveis pela missão ali existente, o padre Luís Laudato, tinha pedido ajuda quando se encontraram em Manaus, antes de a expedição começar. Pegou então um avião até Barcelos, onde haveria um barco para subir o rio Negro. Só que, chegando a Barcelos, não havia barco algum prestes a partir.

Cláudia não teve outro jeito a não ser fretar um barco até a missão seguinte, Tapuruquara. Mas aí houve novo problema: o gelo havia acabado e já era tarde. Como conseguir mais se o gerador só funcionava até 21horas? A indigenista teve a idéia de pedir ao delegado local autorização para que o gerador ficasse ligado até 2horas a madrugada nesse dia. Conseguiu. Na manhã seguinte embarcava numa voadeira com um enfermeiro e um prático da Funai.

Em Apui, depois de vencer cinco cachoeiras do rio Marauiá, o motor do barco quebrou. A equipe teve que voltar para Tapuruquara a reboque de outro barco. Só que o gelo acabara novamente e foi preciso pedir autorização outra vez para estender o horário de funcionamento do gerador. Resolvidos os problemas, recomeçaram a viagem para Marauiá, que durou dois dias. Chegando lá, tiveram a decepção de constatar que não havia índios: tinham partido para uma aldeia vizinha, onde participariam de uma festa. A expedição foi ao encontro deles e a vacinação afinal pôde ser feita.

Ponto final da viagem: 800 índios imunizados contra o sarampo e um quadro da saúde sanitária de uma parte do povo Yanomami. Nos próximos dias, um relatório descrevendo em detalhes essa situação será entregue à Funai e à IWGIA, responsável pela liberação do dinheiro que custeou o projeto.